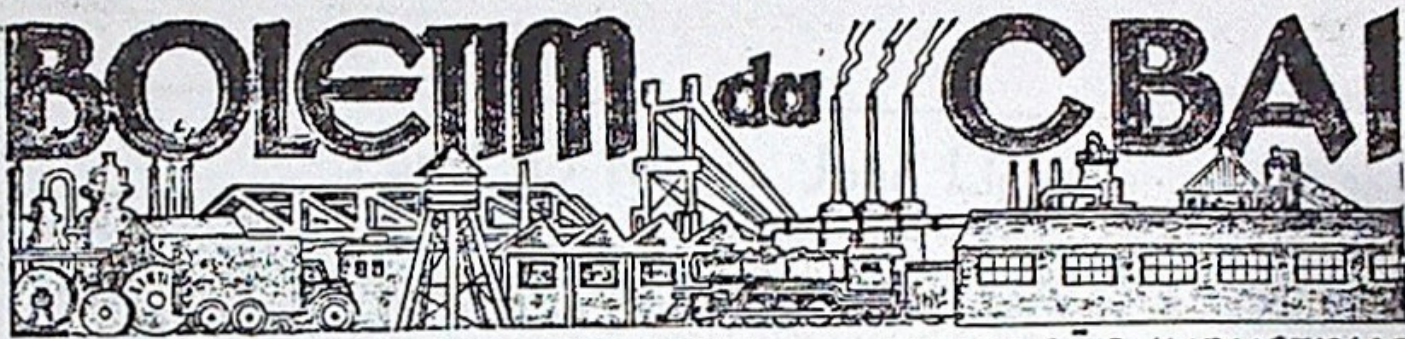


BOLETIM da CBAI



COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL MANTIDO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

N.º 3

DEZEMBRO — 1958

Vol. XII

ADMINISTRAÇÃO DA CBAI

Superintendente: Dr. Francisco Montojos.

Chefe da Delegação Americana: Dr. Thomas A. Hart.

ENDEREÇO:

Av. Marechal Câmara, 350 — 8.º andar.
Rio de Janeiro - D. F. - Brasil.

CENTRO DE PESQUISAS E TREINAMENTO DE PROFESSORES

Co-Diretor: Dr. Lauro Wilhelm.

Diretor Técnico Americano: Mr. Robert S. Hoole.

ENDEREÇO:

Escola Técnica de Curitiba
Av. 7 de Setembro esq. Westfalen.
Curitiba — Paraná — Brasil.

NOTE QUE SÃO 2 COISAS DIFERENTES!
SUMÁRIO

EDITORIAL:

Fim de Ano.

NOTICIÁRIO:

Perfil do Mr. L. John Lipney.

Trabalho com que cooperou o Prof. Adolpho Zaze na Exposição do Centro de Treinamento.

Plano de Operações para o Rodízio dos Cursos de Alfabetização da Rede Federal.

Excursão a Vila Velha.

Encerramento do segundo Curso de Treinamento de Professores.

Entrevista do Prof. Virgílio Cavalcanti — Notas.

Trabalho apresentado na Exposição pelo Professor Francisco de Paula Nunes.

Bóias de Estudo.

Natação na Escola Técnica de Curitiba.

EDITORIAL:

FIM DE ANO

Chegamos à décima-segunda e última etapa do ano de 1958. Estamos vivendo os dias de ansiedade e alegria que precedem a festa máxima da cristandade — o Natal — e o ano novo — 1959.

Nos lares, grande é a preparação e preocupação sobre como apresentar aos entes queridos. Nas casas comerciais, adornadas com motivos natalinos e caracterizadas com nuances alegres, o movimento é intenso. A população cristã está nas ruas a fazer compras e a escolher brindes originais. É a festa universal que, praticamente, começou.

Por outro lado, nos diversos setores da atividade humana essa preocupação multiplica-se com o preparar relatórios e balanços das atividades desenvolvidas no ano fluente, e com o estabelecer planos e normas para o entrante. Faz-se um retrospecto do trabalho realizado nos 365 dias que passaram e se avalia o mérito das obras empreendidas. Simultaneamente, ajudado pela esperança sempre companheira, promete-se reparar os enganos e erros porventura cometidos, e dispõe-se a praticar mais justiça com os semelhantes e para consigo mesmo.

Na Escola Técnica de Curitiba, como em todas as escolas, encerram-se as obrigações letivas. Todos experimentam uma sensação de descanso, pois têm a consciência do dever cumprido. É também neste mês que a CBAI completa o seu segundo ano de atividade em Curitiba. O Centro de Treinamento vem-se desenvolvendo de maneira auspiciosa, e seus resultados, se bem que modestos para a sua grandeza e significado, tem correspondido às expectativas.

Na oportunidade de mais um Natal, congratulamo-nos com toda a grande família do ensino industrial brasileiro, e desejamos a esses dedicados e prestimosos colegas da comunidade a que pertencemos, um Natal de inteira felicidade e que o ano de 1959 traga todas as venturas.

Perfil do Mr. L. John Lipney



O personagem do "Staff" americano que neste BOLETIM passamos a focalizar, é o renomado técnico — Mr. L. John Lipney. Muito teríamos que dizer sobre sua pessoa se quiséssemos fazer uma apresentação mais detalhada e nos permitisse o espaço reservado nas colunas do BOLETIM.

Todavia, apresentando nossas escusas, passamos a uma ligeira sùmula da sua história:

Mr. L. John Lipney, nasceu em Strani — Checoslováquia, a 22 de setembro de 1912. Em 1914, imigrou para Irwin — Pennsylvania, onde seu pai começou a trabalhar como ferreiro, numa companhia carbonífera, aí ficando por um período de 22 anos. No decorrer desse tempo, sua família naturalizou-se.

Mr. Lipney com as duas irmãs frequentou a Escola Elementar da Paróquia durante oito anos e, em seguida, frequentou o Ginásio Federal durante quatro anos. Mais tarde, após três anos de estudos na Faculdade de Administração Comercial, da

Universidade de Tulsa — Oklahoma, bacharelou-se em Ciências de Educação Industrial e Profissional, depois de frequentar por mais um ano a Universidade Estadual de Oklahoma, em Stillwater.

Prosseguindo nos estudos, frequentou a Universidade de Oregon, lá recebendo o diploma de professor, havendo satisfeito também às exigências do certificado para superintendente de escola, no campo da administração escolar.

Mr. Lipney planeja doutorar-se em educação quando findar sua permanência no estrangeiro. A sua educação universitária, em maior parte sua instrução técnica, foi obtida enquanto trabalhou o horário integral na indústria ou em institutos educacionais.

Sua instrução técnica inclui os seguintes cursos: Tratamento Térmico de Metais e Metalografia — Universidade de Illinois; Solda Elétrica Especial de Engenharia — Politécnica John Huntington, Cleveland — Ohio; Solda de Aviação e Serralharia — Escola Técnica de Aviação "Chanute Field" Rantoul, — Illinois; Cursos de Transição de Aviões B-25, B-17, B-29 e B-47 na fábrica de aviação militar.

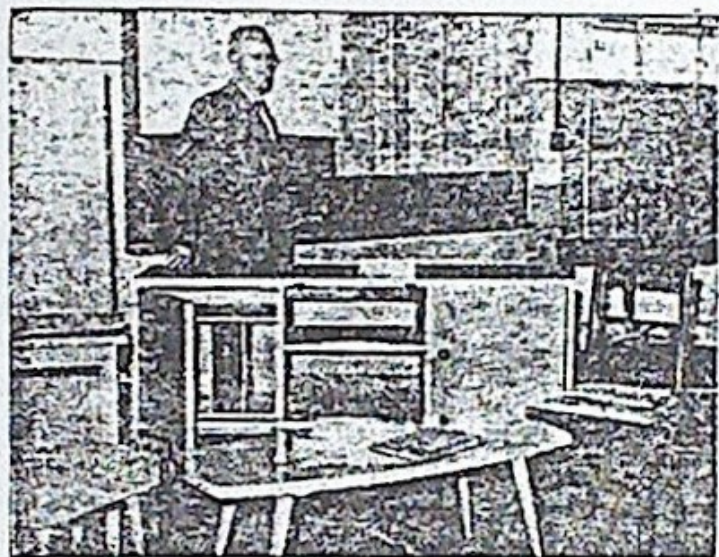
Serviu no departamento de engenharia do exército e na força aérea durante oito anos.

Quanto a sua experiência industrial, deve-se dizer que ele começou ajudar o seu pai na oficina de ferraria há 30 anos atrás, e também inclui o que segue:

Manutenção da Rede Ferroviária em Pennsylvania; soldador em estaleiros e caldeiras; instrutor e posteriormente supervisor de oficinas na Escola Aeronáutica Spartan de Tulsa-Oklahoma. Esta foi uma das maiores escolas desse tipo nos Estados Unidos. Engenheiro de materiais e processos na Douglas Aircraft Co.; Diretor de um programa de treinamento de mecânicos na força aérea, na Universidade Estadual de Oklahoma; assistente do supervisor de educação vocacional e de educação de adultos do sistema escolar público de Portland — Oregon; assistente do diretor da escola vocacional "Eugene", de Eugene — Oregon; dirigiu fabricação de foguete, na qualidade de engenheiro de pesquisas, da Companhia Norte-americana de Aviação.

Recebeu certificados reconhecidos nos seguintes campos: artes industriais — ginásio; educação industrial e profissional especializada; educação in-

Trabalho com que cooperou o Prof. Adolpho Zaze na Exposição do Centro de Treinamento



Professor Adolpho Zaze, fotografado junto aos móveis que construiu durante o estágio de aperfeiçoamento.

dustrial e profissional — supervisor; solda elétrica e oxiacetilênica para aviação e caldeiras; administração civil e aeronáutica — mecânica de armação e motores; avaliação de instrutores de motores aeronáuticos, da administração civil e aeronáutica.

Ele é sócio da Phi Delta Kappa, uma escola de educação de graduados, de fraternidade honorária.

Juntamente com sua esposa e os três filhos: — Diane, de quatro anos; Linda, de oito e George de onze, chegou em Curitiba a 20 de setembro de 1957, ficando a serviço do Centro de Treinamento da CBAI, ficando encarregado das oficinas de tratamento térmico de metais, serralharia e solda. Recentemente dirigiu um estudo de artes industriais nas doze escolas de agricultura do Paraná.

Amigo de todos, sente-se feliz por ter sido designado para trabalhar com um diretor como o Dr. Lauro Wilhelm e seus colegas brasileiros Ricardo Knesebeck e Ivo Mezzadri, bem como com os outros colegas brasileiros e americanos.

Finalmente, espera que o ano de 1959 seja portador de muitas felicidades para todos.

Como noticiamos, no BOLETIM de novembro último, foi levada a efeito na sala de música da Escola Técnica de Curitiba, uma exposição dos trabalhos executados em madeira e em mecânica pelos professores do Curso de Treinamento. Conforme prometemos, neste número focalizamos os trabalhos do professor Adolpho Zaze, desta Escola, e Francisco de Paula Nunes, da Escola Industrial de Teresina.

A obra do prof. Zaze, como a de todos os "trainees" de marcenaria, foi realizada sob a orientação dos técnicos brasileiro e americano, respectivamente Vitorio Stringari e Louis J. Drake, tendo obedecido aos requisitos da moderna metodologia e planejamento. Assim, inicialmente foram feitos os desenhos prévios, a análise do trabalho, a tecnologia aplicada e a prevenção de acidentes.

Em seguida foram confeccionados três trabalhos onde entram conhecimentos de tornearia, manéjo de máquinas, marcenaria, estofaria e acabamento, os quais compreenderam uma mesinha, uma cadeira e uma banqueta. Concluídos êsses objetos, escolheram, livremente, os cursistas, uma outra tarefa onde pudessem apresentar suas aptidões e as normas de trabalho empregadas nas escolas de onde procederam, já que uma acentuada diferença se observa entre o Norte e o Sul com respeito aos termos técnicos e aos processos de trabalho.

O prof. Adolpho Zaze idealizou e construiu um lindo móvel de radiola que obteve grande sucesso na exposição, e uma primorosa mesinha de centro, que a todos agradou.

Finalmente, o conjunto das obras executadas pelos professores de marcenaria, em estágio, bem serviu para uma avaliação do aproveitamento e capacidade de cada um, por parte dos técnicos a quem esteve confiado o curso de marcenaria. Puderam êles afirmar que foi sobre todos os pontos proveitoso o curso realizado e ficaram satisfeitos com o bom andamento do mesmo.

Puderam observar atentamente algumas falhas e para os cursos futuros outras diretrizes poderão ser empregadas.

Plano de Operações para o Rodízio dos Cursos de Alfaiataria da Rede Federal

No afã de bem informar e difundir as atividades da CBAI, em tudo quanto representa esforço para o bom desenvolvimento do ensino industrial entre nós, apresentamos neste BOLETIM um trabalho inédito, idealizado e elaborado por um professor do corpo docente da Escola Técnica de Curitiba, trabalho êsse que tendo sido aqui empregado, vem produzindo os efeitos almejados, laureando-se de êxito e merecendo dessa maneira os aplausos dos que cooperam com a CBAI na sua operosa missão em nosso País.

O trabalho que vamos apresentar, foi denominado por seu autor com o título de "PLANO DE OPERAÇÕES PARA O RODÍZIO DOS CURSOS DE ALFAIATARIA DA REDE FEDERAL". Antes que façamos, porém, uma apresentação mais específica do mesmo, passamos a relatar, em rápida apreciação o seu histórico, intercalando algumas notas sobre o seu idealizador.

A elaboração de um plano de operações para o rodízio, sempre foi objeto da preocupação do professor Laudelino de Oliveira, que durante algum tempo, procurou encontrar uma maneira de tornar mais fácil, interessante, prático e metódico o trabalho de selecionar e julgar com mais racionalidade, a aptidão e a vocação dos alunos iniciantes no aprendizado dos cursos industriais. Em 1956, após paciente trabalho, calculando tempo e procurando algo que psicologicamente viesse a despertar o interesse dos alunos, achou o prof. Laudelino que, dentre todas as peças que poderiam ser confeccionadas como modelo para exercitar os alunos no aprendizado da arte de coser, o calção de banho era o que melhor reunia as condições desejadas, visto que além de ser útil ao próprio confeccionador, nêle eram aplicados todos os pontos empregados nas peças mais usuais do vestuário, e o que também atendia à parte que diz respeito ao fator tempo de duração do rodízio, dado o fato de não ser pequeno para preencher o tempo regulamentar, nem grande que não pudesse ser concluído em tempo.

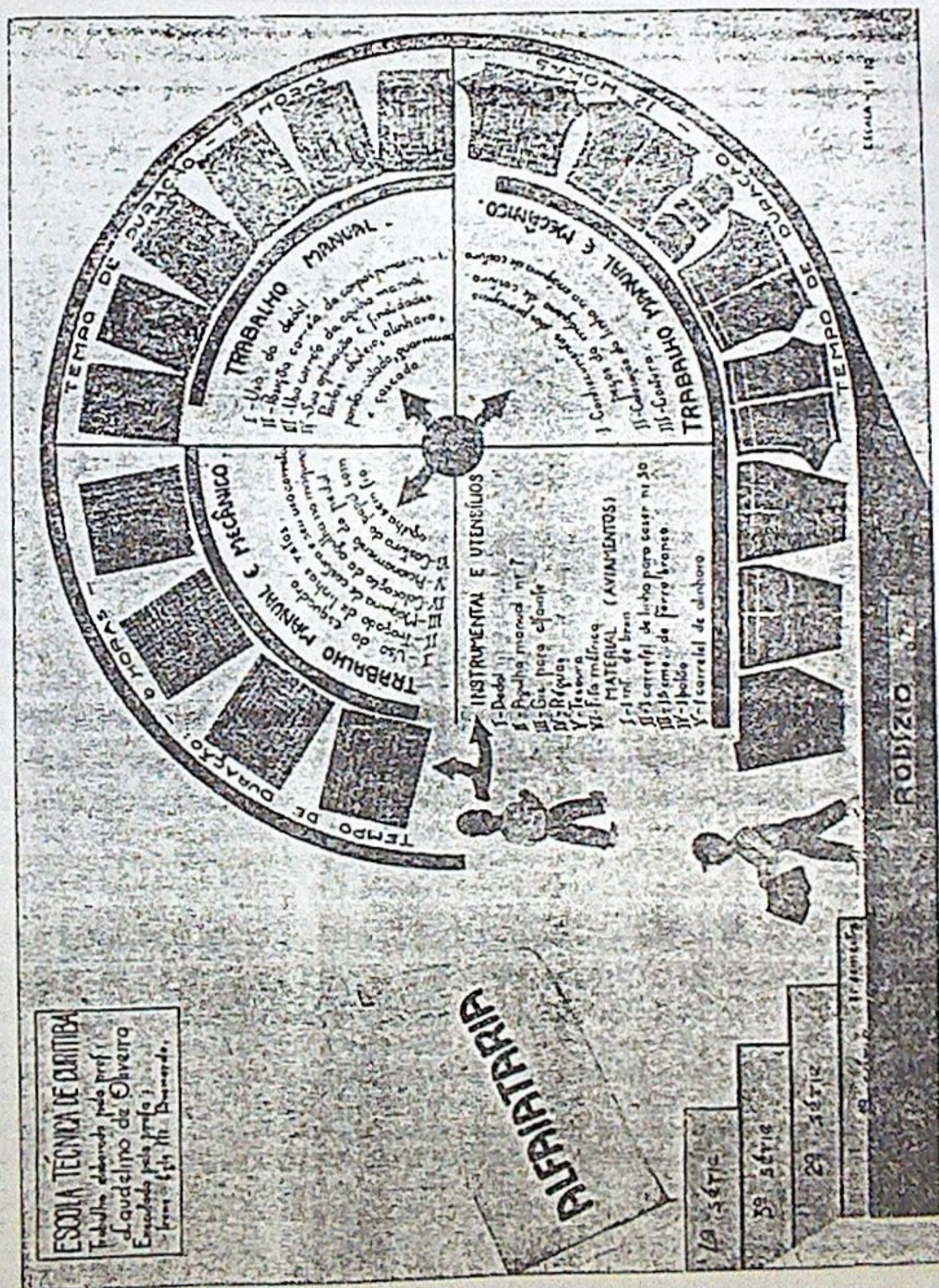
Escolhida, portanto, a peça para modelo, fez o prof. Laudelino o esboço de um quadro demonstrativo do modo como seria executado o trabalho, mostrando por meio de uma série de desenhos, as ta-

refas gradativas que haveriam os alunos de realizar no tempo previsto. Expôs detalhadamente o plano ao Diretor da Escola e ao então orientador da mesma — Dr. Paulo de Tarso Monte Serrat — que dispendeu esforços no sentido de que o mesmo viesse a ser concretizado e estimulando, por outro lado, o prof. Laudelino, na sua espontânea idéia para melhoria do curso que ministra. Tendo o plano mencionado merecido a aprovação do Diretor da Escola, foi o mesmo entregue a S.Sa. para que fôsse submetido à apreciação do Dr. Francisco Montojos, o qual, aprovando-o, recomendou o seu emprêgo em todas as escolas do ensino industrial, onde há o curso de alfaiataria, autorizando sua reprodução em cartazes para distribuição nas referidas escolas da rede federal. Ao ensejo, solicitou o prof. Laudelino de Oliveira, do Diretor da Escola, a cooperação de um desenhista, tendo sido designada a professora D. Irene Egle M. Busnardo que, com muito capricho, preparou os desenhos esboçados, cuidando em torná-los o mais compreensível possível.

O resultado desse trabalho aí está, reproduzido no clichê que estampamos, para uma idéia geral de todos.

Como é por todos sabido, o aluno ao ingressar em uma escola de ensino industrial, vê-se inteiramente alheio aos ofícios e ignora até mesmo a vocação e a aptidão que lhe são inatas. Assim é que, avaliando a importância desse fator, o Plano de Operações foi elaborado de modo a que pudessem ser conciliadas as sutilezas da psicologia infanto-juvenil com a orientação metodológica do programa de ensino.

* Conforme mostra o clichê, consta o Plano de quatro partes. Na primeira os alunos recebem instruções sobre como usar o dedal, a agulha manual n.º 7, o giz para alfalate, as régua, a tesoura, a fita métrica, etc. Em seguida recebem o material e passam a usar a máquina, começando pela perfuração de um papel riscado, com uma agulha sem linha, obedecendo a uma única direção, como indica o gráfico. Depois, ainda usando papel e agulha sem linha, vão obedecendo ao riscado, contornando a peça. Na terceira etapa realizam a perfuração em forma de quadrados com 1 cm. de largu-



O clichê reproduz o quadro demonstrativo do Plano de Operações para o Rodizio do Curso de Alfaiataria.

Excursão a Vila Velha

Mais um dos belos pontos turísticos do Estado do Paraná nós, cursistas de 1958, tivemos a oportunidade de conhecer. Desta vez foi Vila Velha.

Partimos de Curitiba, em ônibus especial, no já ensolarado dia 18 de outubro p.p., às 6 horas. Passamos pela cidade de Palmeira, para às 9:30 chegarmos a Ponta Grossa onde, nós, cursistas, em número de 31 e mais o Prof. de Auxílios Visuais, Sr. Roberto Rosenstein, e o Orientador Educacional, Sr. Luiz Procópio, ambos da Escola Técnica de Curitiba, tivemos ainda tempo suficiente para conhecer Ponta Grossa, a Princesa dos Campos.

Após o almoço (por sinal ótimo), seguimos a Vila Velha.

Vila Velha surge na muda e imensa solidão dos Campos Gerais no Paraná, constituindo um ponto de mágica atração turística.

Cerca de 20 quilômetros a sudeste de Ponta Grossa, eleva-se estranha formação de rochas, cuja pitoresca aparência tem atraído a atenção dos geólogos, turistas, viajantes, etc.

ra. Por fim perfuram em linhas retas em papel em branco, ficando concluídas a primeira e a segunda partes.

Na terceira parte, usando dedal e agulha, passam a fazer pontos manuais (chuleio, alinhavo, ponto-calado, guarnecido e alinhavo), usando um pedaço de fazenda, sempre em posição correta do corpo. Já na quarta e última tarefa, usam todos os conhecimentos até então adquiridos, desta vez iniciando a confecção do calção, peça por peça, até a conclusão total do mesmo, quando já, por esse tempo, está-se encerrando o rodízio, e, os que sentirem atração pelo nobre ofício, de acordo com o julgamento das notas obtidas no exame geral, estarão habilitados a entrar na 1.ª série do curso.

O trabalho desse abnegado professor bem traduz o seu valor como mestre, e esta sua obra será sempre o maior panegírico na sua nobre missão de transmitir conhecimentos aos futuros profissionais.

A CBAI e todos os seus cooperadores, por intermédio do seu BOLETIM, agradece a bela e eficiente colaboração do esforçado prof. Laudelino de Oliveira.

A regularidade na disjunção de massa rochosa em blocos paralelos, assumindo formas estranhas e extravagantes e guardando certa harmonia sugeriu a denominação de "Vila Velha" (R. Maack — "Geologia e Geografia da Região de Vila Velha" — Arquivos do Museu Paranaense, Curitiba, 1946).

A formação se estende por uma área de aproximadamente mais de 500.000 m² e é constituída por rochas sedimentares arenosas e coloridas por substâncias ferruginosas em tons avermelhados.

A altura aproximada dos blocos escarpados chega 20 m. Uma vegetação luxuriante se alastra por entre as fantásticas formas de erosão. Estas assumem feições imprevisíveis, surpreendendo o mais avisado excursionista que, ao redear um "cogumelo", pode parar com um monstruoso "pingüim", uma misteriosa "esfinge" ou um gigantesco "dromedário" e, ainda mais, "o regular e divulgado cálice".

Não é fácil encontrar uma explicação plausível para essas pitorescas construções da Natureza. No entanto, quando da realização em setembro de 1955, do Congresso Anual de Geologia, na cidade de Ponta Grossa, um cronista local, naturalmente animado das melhores intenções, afirmava que "visitava a região um grupo de famosos cientistas que vinham ler na Enciclopédia da Sabedoria (referia-se a Vila Velha) alguns tópicos que evidentemente serviriam para aumentar o vasto cabedal de cada excursionista". Para ele as formações de Vila Velha não se constituíam em nada menos que um imenso livro aberto aos sedentos da Ciência. Como por encanto, tudo se esclareceria a um simples golpe de vista de um curioso.

Entretanto, podemos hoje afirmar que a verdade científica está muito distanciada da lógica circunstancial. Em nenhum outro lugar do Brasil as aparências enganam tanto...

Os problemas começam a surgir desde quando se tenta enquadrar a formação de Vila Velha em um determinado tempo geológico.

É formada por arenitos, e em mapa situa-se dentro de uma imensa região formada também por arenistas "Devonianos" "aparentemente" iguais aos primeiros. As evidências são tão claras que até há

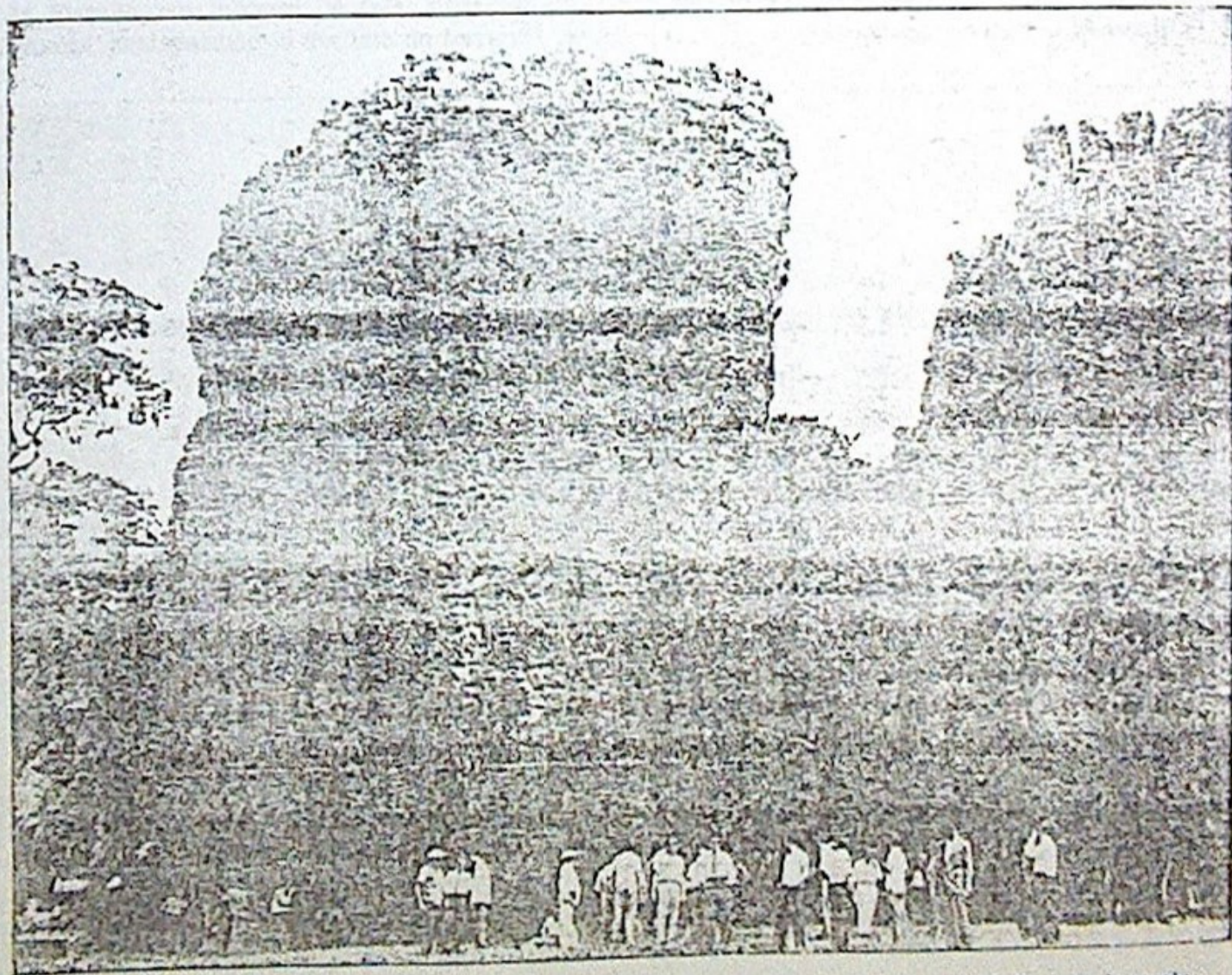
poucos anos os nossos maiores geólogos não tinham dúvidas em colocar a formação de Vila Velha dentro do Devoniano.

Estudos pormenorizados e trabalhos revelaram porém a existência de camadas provavelmente glaciais, abaixo do arenito de Vila Velha, que se teria sedimentado em ambiente flúvio-glacial. Portanto o erro inicial teria sido na ordem de 100.000.000 de anos.

Temos sempre ouvido falar, e mesmo lido em livros, de texto escolar e obras legais, que a Geomorfologia de Vila Velha se deve antes de tudo a uma erosão eólica agindo em larga escala. Plajadas de ventos, turbilhões e redemoinhos, operando em clima, árido carregando enorme quantidade de poeira abrasiva, seriam responsáveis pelo desgaste da rocha e a confecção de tão caprichosas formas.

Mas a observação rigorosa prova que o clima que testemunhou o processo foi e é relativamente úmido, havendo mesmo, periodicamente, chuvas torrenciais. O vento como agente da erosão é efetivo, mas tem ação mínima e importância desprezível. Ao contrário, a água fluvial, escoando sobre superfícies de fraturas, infiltrando-se na trama da rocha, desintegrando, corrompendo, decompondo intensamente e a grande responsável pela erosão e formação dos pedestres.

Naturalmente uma relativa heterogeneidade física e litológica de camada para camada ajuda a explicar as extravagâncias dos contornos ali observados. Mas, nem tudo se acha ainda esclarecido. Muitos pormenores relativamente à gênese, cronologia, geomorfologia e glaciologia se acham obscuros e por muito tempo permanecerão insolúveis



Aspecto da impressionante paisagem de Vila Velha. O clichê estampa dois blocos rochosos trabalhados pela erosão.

nas páginas do "vasto livro aberto de Vila Velha".

Saindo das considerações técnicas, digo que Vila Velha é uma beleza, de uma beleza impossível de se descrever em poucas linhas, ou então, não se encontram palavras para justificá-la.

É um monumento nacional, e assim deve ser encarado não só pelo Governo como também pelos seus visitantes. Vila Velha deve e tem que ser conservada tal qual é, para os turistas e apesar dos turistas.

Sáimos de Vila Velha encantados por tudo o que conseguimos fixar em nossa mente, ou reter em nossas imagens, dali fomos às Furnas e à Lagoa Dourada.

As Furnas, em número de três, situadas em fila indiana, acompanham o declínio do terreno. A

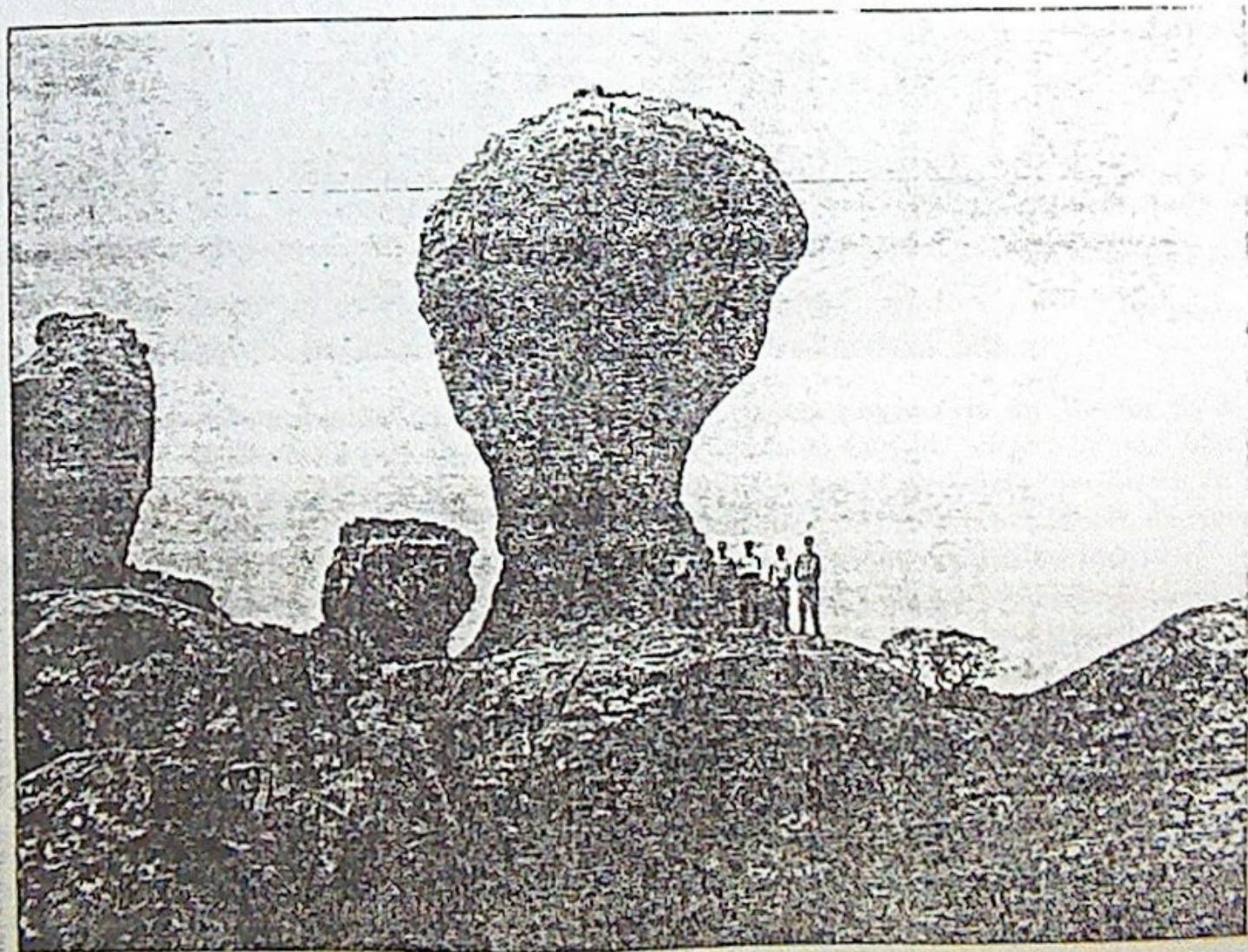
primeira, 113 metros de profundidade, e 59 metros até a superfície da água. A segunda, 105 metros de profundidade e 53 metros até a superfície da água. A terceira, 63 metros de profundidade, é seca.

Provam os geólogos que a água que sai das 2 primeiras Furnas passa a terceira indo por uns 15 quilômetros, subterraneamente até a Lagoa Dourada.

Em nossa volta fizemos pequena refeição em Ponta Grossa (debaixo de chuva) para, às 22 horas, estarmos em Curitiba.

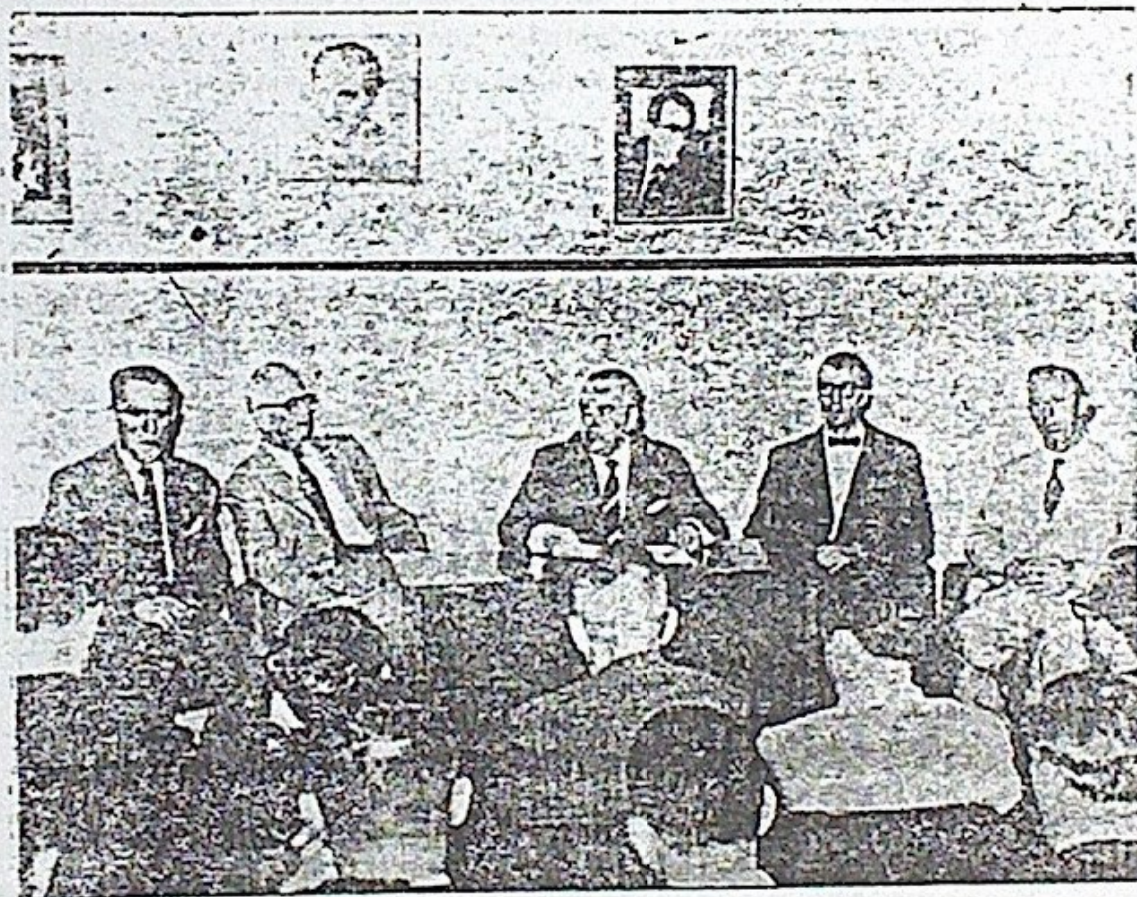
Parabéns aos Diretores da CBAI, na Escola Técnica de Curitiba, por mais esta viagem ou excursão que nos proporcionaram.

Colaboração de Ivo Mezzadri.



Bela fotografia do rochedo conhecido como "cálice" em Vila Velha.

Encerramento do segundo Curso de Treinamento de Professores



Composição da mesa que presidiu à cerimônia de encerramento do Segundo Curso de Treinamento, vendo-se da esquerda para a direita: Prof. Virgílio Cavalcanti, Mr. Robert S. Hoole, Dr. Lauro Wilhelm, Dr. Arthur F. Byrnes e Sr. Acyr P. Eyer.

Após oito longos meses de duração, encerrou-se com brilhantismo a 28 de novembro próximo passado, o Segundo Curso de Treinamento de Professores, patrocinado pela CBAI. Este conclave que reuniu cerca de 32 professores de 14 escolas técnicas do Brasil, não deixou dúvidas quanto ao aproveitamento dos seus numerosos participantes que, compenetrados das responsabilidades que lhes impõe a árdua missão de formar e educar profissionais competentes, souberam cumprir com eficiência e zelo as suas tarefas no Centro de Treinamento. Destacou-se sobretudo o segundo Curso de Treinamento, pelo elevado número de participantes e pela variedade de especialidades.

Sob a presidência do Diretor da Escola Técnica de Curitiba — Dr. Lauro Wilhelm, e com a presença do Diretor do Centro de Treinamento — Mr. Robert S. Hoole, do representante do Diretor do Ensino Industrial — Sr. Acyr P. Eyer, do assistente do Chefe da Delegação Americana — Dr. Arthur F. Byrnes, do Prof. Virgílio Cavalcante — Técnico em Mercado de Trabalho da CBAI no Rio de Janeiro, e dos técnicos brasileiros e americanos, professores e funcionários da Escola Técnica e da CBAI em Curitiba, foi iniciada a sessão de encerramento, havendo usado da palavra o Diretor da Escola Técnica de Curitiba, congratulando-se com os professores estagiários e com os técni-

cos que ministraram as aulas durante o transcorrer do Curso, abordando também, na oportunidade, a necessidade da formação de maior número de professores especializados, de modo que, dessa maneira, possa o Brasil alcançar no ensino industrial, o grau de desenvolvimento que já lograram obter os outros setores da educação. Em palavras candentes, agradeceu o orador o bom comportamento dos cursistas e fêz um apêlo no sentido de que os mesmos, quando nas suas escolas, primem pela mesma dedicação e esforço com que aqui se houveram, transmitindo aos seus discipulos os conhecimentos que puderam adquirir no estágio que fizeram com tão expressivo êxito.

Falou em seguida o Diretor do Centro de Treinamento, dizendo da satisfação de que estava possuído, por ver coroado de tão animador resultado, mais aquêle empreendimento da CBAI. Disse ainda Mr. Hoole que o ensino in-

dustrial no Brasil está progredindo e que, sua pátria, acompanha com interêsse e euforia o progresso que aqui se desenvolve, certa de que, em futuro próximo, estaremos emancipados dos problemas que hoje nos preocupam.

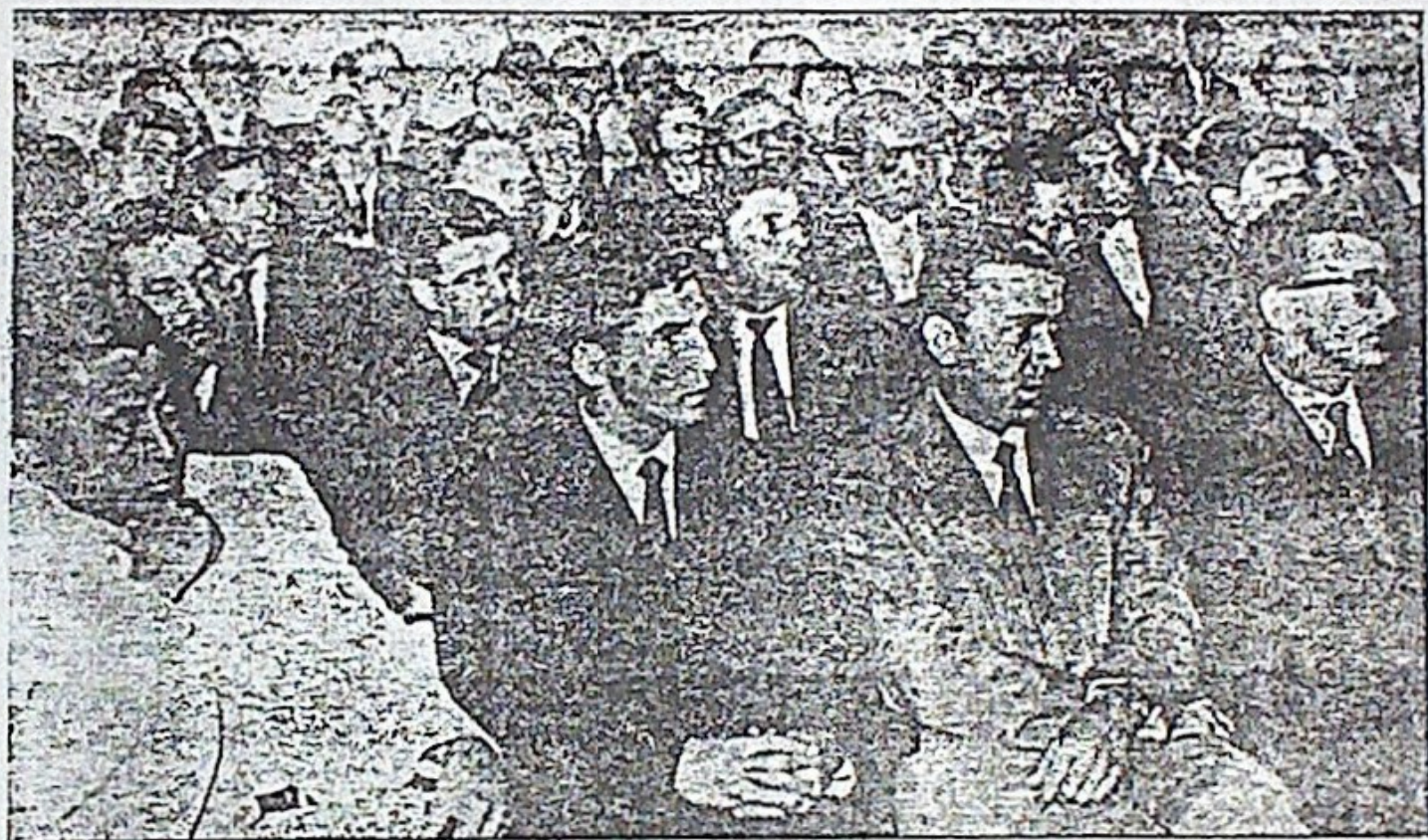
Falaram ainda o Sr. Acyr P. Eyer justificando a ausência do Dr. Francisco Montojos, exprimindo com suas palavras os sentimentos do Diretor do Ensino Industrial, os quais, outros não são que os de amparar e prestigiar tôdas as iniciativas que resultem benefícios para êsse setor da educação.

O Dr. Arthur F. Byrnes, externou o entusiasmo com que a Delegação Americana vê iniciativas como a do Centro de Treinamento de Professôres, empreendimento êsse que além de instruir e aperfeiçoar os mestres, promove um congraçamento de classe.

Finalmente, o prof. cursista Almiro Barbosa Lima, da Escola Técnica do Recife, num

O professor-cursista, Sr. Hélio Duarte de Freitas, após receber o Certificado de frequência, é cumprimentado por Mr. Robert S. Hoole, Diretor do Centro de Treinamento.





Aspecto da assistência que compareceu à reunião de encerramento do vitorioso conclave de educação industrial promovido pela CBAI, vendo-se no primeiro plano alguns dos cursistas.

(Conclusão da pág. anterior)

gesto de cortesia distribuiu aos diretores, professores e funcionários, uma flâmula com motivos que encerram lembrança do Segundo Curso de Treinamento.

(Conclusão da pág. 13)

ve uma bela e cuidadosa obra, representada por uma poltrona de luxo, aparecendo como parte complementar, significando a técnica, uma mesinha rústica, uma cadeira e uma banquetta. Todo o conjunto desses objetos figuraram na exposição onde ficou definida a capacidade do seu executor.

Como ficou dito anteriormente, as peças que foram expostas obedeceram rigorosamente a um planejamento prévio onde os desenhos e a tecnologia mereceram especial atenção e preocupação.

Convém ressaltar que os onze professores do curso de marcenaria primaram pela execução de um objeto atraente e valioso, seguido de outros mais

Foram distribuídos aos "trainees" um certificado de freqüência, e num ambiente festivo e cordial foi encerrada a solenidade com troca de cumprimentos entre as autoridades e os presentes.

simples, todavia representativos da metodologia e tecnologia do ofício.

Ser-nos-ia difícil indicar dentre todos os trabalhos qual o que mereceu maior cotação. Todos tiveram o seu valor intrínseco e, embora por formas diferentes, demonstraram sua importância e significação.

Daí a razão porque não houve classificação de primeiros lugares, colocando-se todos num mesmo nível de igualdade.

Nas edições subsequentes do BOLETIM focilizaremos dois outros trabalhos e assim continuaremos até chegarmos ao último.

O clichê mostra o conjunto de peças fabricadas pelo professor Paula Nunes.

ENTREVISTA DO PROF. VIRGÍLIO CAVALCANTI -- NOTAS



Professor Virgilio Cavalcanti

Um dos mais antigos funcionários da CBAI, é o Prof. Virgílio Cavalcanti, técnico em mercado de trabalho, lotado na seção técnica do Rio de Janeiro e ex-redator do BOLETIM. É também o Prof. Cavalcanti portador de longa experiência e sólido conhecimento no campo de ensino industrial, já havendo lecionado por várias vezes nos cursos de férias, assim como um curso de formação de orientador, instituídos pela CBAI. Encontrando-se na Escola Técnica de Curitiba, onde veio assistir às solenidades de encerramento do Segundo Curso de Treinamento de Professores, por solicitação nossa concedeu a seguinte entrevista:

1 — Sabemos haver V. S. realizado, em companhia de Mr. Robert S. Hoole, uma visita às escolas técnicas do Norte do Brasil. Quais as impressões que teve desses centros de ensino especializado?

"Já os conhecia a todos, razão porque não constituem novidade para mim. Entre-

tanto, convém esclarecer que sempre será possível encontrar coisas novas — umas boas, outras não — todas elas consequência de fatores que, muitas vezes, fogem ao controle dos responsáveis. Pelo que ouvi do Sr. Robert S. Hoole, nas nossas longas pausas, tenho a impressão de que ele soube compreender a situação das escolas visitadas".

2 — Na oportunidade dessa viagem quantas escolas visitaram e qual a que melhor impressão causou, numa visão de conjunto?

"Nossa viagem se estendeu até Manaus. Visitamos a Escola Técnica de Salvador, a Escola Técnica de Recife, a Escola Industrial de Fortaleza, a Escola Industrial de Belém e a Escola Técnica de Manaus.

É difícil dizer qual a escola que mais me agradou. Sou suspeito para falar sobre o assunto, pois tenho bons amigos em todas as escolas e sei que as deficiências porventura existentes correm por conta de vários fatores que não dependem do pessoal das escolas. É animador verificar a existência de homens esforçados que dão o melhor da sua capacidade para desenvolver o ensino industrial".

3 — Qual o principal objetivo da visita àquelas escolas?

"O Sr. Robert S. Hoole, na qualidade de Diretor do Centro de Treinamento, desejava conhecer mais de perto a situação das escolas industriais de onde procedem os professores que estão fazendo e que farão no futuro, o curso do Centro de Treinamento. Na nossa viagem o Sr. Hoole viu muita coisa, conversou com muita gente, fez muitas perguntas; em resumo, ficou conhecendo o Brasil. Ele estava mal acostumado com a Escola Técnica de Curitiba...

4 — Conhece V. S. todas as escolas do ensino industrial da rede federal?

"Todas, exceto a de Cuiabá, e o que foi dito acima se aplica a todas as escolas da rede federal.

Sempre que possível visito as escolas do SENAI e posso afirmar que seus diretores e

professores estão perfeitamente integrados nas suas tarefas e sempre prontos a colaborar".

- 5 — Sabemos que V. S. é uma das pessoas mais antigas na CBAI e possui longa experiência no magistério. Gostaríamos que nos desse sua opinião quanto aos problemas mais sérios do ensino industrial brasileiro.

"De fato, sou um dos mais antigos elementos da CBAI e venho procurando aprender o mais possível. A pouca experiência que possuo decorre do meu esforço e do desejo que tenho de fazer algo pelo ensino industrial.

Para mostrar os problemas do ensino industrial.

Para mostrar os problemas do ensino industrial, seria preciso escrever um grosso relatório. Entretanto, o mais difícil e que exige solução mais urgente é o referente aos professores. As escolas precisam de mais professores, e não é fácil encontrar elementos que preencham tôdas as exigências. Agora com a criação do Centro de Treinamento é lícito esperar que o problema seja resolvido satisfatoriamente. Uma visita à Escola Técnica de Curitiba faz mudar a impressão até dos mais pessimistas".

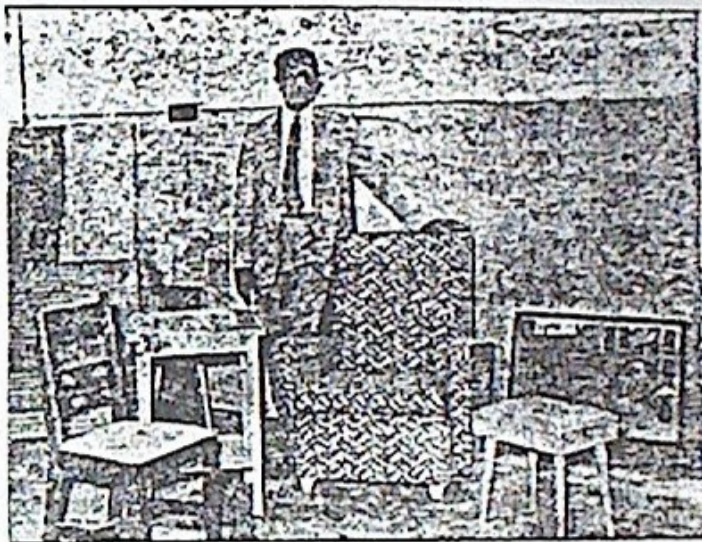
- 6 — Como é do seu conhecimento, a CBAI anteriormente realizava vários cursos de férias em diversas escolas do país. Em 1957, instalou na Escola Técnica de Curitiba o Centro de Treinamento de Professores, onde são realizados cursos de oito meses de duração. Que opina V. S. sobre essa decisão da administração da CBAI em substituir aqueles cursos pelos atuais?

"O Centro de Treinamento de Curitiba pode fazer um trabalho mais completo, pois a Escola Técnica de Curitiba dispõe de elemento humano e do equipamento necessários à realização de um ensino mais eficiente. Posso afirmar que os cursos de férias da CBAI, dentro das suas limitações, concorriam muito para o aperfeiçoamento do professor de ensino industrial".

- 7 — V. S. que esteve em contacto com centros de ensino norte-americanos, a seu ver, quais os pontos em que mais acentuadamente se dis-

TRABALHO APRESENTADO NA EXPOSIÇÃO PELO PROFESSOR

FRANCISCO DE PAULA NUNES



O professor Francisco de Paula Nunes, na sala da exposição, junto às peças que confeccionou

Ao lado dos professores de marcenaria que concluíram o curso de aperfeiçoamento em 1958, sob os auspícios do Centro de Treinamento de Professores, figura o prof. Francisco de Paula Nunes, da Escola Industrial de Teresina, o qual à maneira dos demais companheiros de curso, apresentou na exposição dos trabalhos realizados durante o concla-

(Conclui a pág. 11)

tância o desenvolvimento do ensino industrial norte-americano, do nosso?

"O ensino industrial nos Estados Unidos já chegou a um ponto que ainda estamos muito longe de atingir. Lá é uma honra trabalhar com as mãos e, muito mais do que nós, o americano já se livrou do complexo do colarinho branco.

Não creio que o elemento humano no nosso país seja inferior ao dos Estados Unidos. Criem-se as condições necessárias e o ensino industrial tornar-se-á um dos sustentáculos do progresso do Brasil".

Os responsáveis pelo BOLETIM agradecem ao prof. Virgílio Cavalcanti a solicitude e boa vontade com que se houve quando procurado para responder às perguntas que formulamos permitindo-nos, dessa forma, a obtenção desta entrevista.

Bolsas de Estudo

REGIMENTO INTERNO DA COMISSÃO DE BOLSAS DE ESTUDO DA ESCOLA TÉCNICA NACIONAL — FINALIDADES E ALCANCE DO TRABALHO

A Diretoria da Escola Técnica Nacional vem de instituir naquela escola um regimento que regulamentará a concessão de bolsas escolares aos seus alunos.

O Dr. Jeremias Pinheiro da Câmara Filho, que com grande proficiência e esclarecida orientação, vem dando rumo objetivo e eficiente à Escola Técnica Nacional, já introduziu várias inovações naquele estabelecimento de ensino, muitas das quais dignas de serem adotadas pelas demais escolas da rede federal. Daí a iniciativa do "Boletim da C.B.A.I." de publicar, como modelo às suas congêneres, o Regimento Interno da Comissão de Bolsas de Estudo da Escola Técnica Nacional.

ESCOLA TÉCNICA NACIONAL

Regimento Interno da Comissão de Bolsas de Estudo

CAPITULO I

Finalidades

Art. 1.º — A Comissão de Bolsas de Estudo, instituída pela Portaria Ministerial n.º 396 de 2 de dezembro de 1957 tem por finalidades principais:

a) fixar, anualmente, o número e valor das bolsas de estudo e apreciar os pedidos de auxílio financeiro a serem concedidos pela Diretoria do Ensino Industrial aos alunos dos cursos industrial e técnico, comprovadamente necessitados;

b) promover todos os meios ao seu alcance para seleccionar os alunos que se inscreverem, solicitando bolsa de estudo ou auxílio financeiro;

c) cooperar com a Diretoria do Ensino Industrial, apresentando relatório anual de suas atividades e oferecendo sugestões sobre suas modificações de critérios para distribuição de bolsas e auxílios financeiros.

CAPITULO II

Dos Membros da Comissão

Art. 2.º — A Comissão de Bolsas de Estudo é constituída de 5 (cinco) membros designados de acordo com o Art. 3.º e parágrafos 1.º, 2.º, 3.º, da Portaria Ministerial n.º 396 de 2 de dezembro de 1957.

Parágrafo único — O presidente da Comissão designará um de seus membros para secretariar as reuniões.

Art. 3.º — Os membros da Comissão devem comparecer, pontualmente, às reuniões regulares e extraordinárias, e cooperar com a Diretoria da Escola na seleção de candidatos à bolsa de estudo ou auxílio financeiro.

Art. 4.º — O Diretor deverá substituir os membros da Comissão que tenha designado, quando, sem causa justificada, faltarem a três reuniões consecutivas, ou demonstrarem desinteresse pelo trabalho que lhes seja solicitado. Se se tratar de representante do corpo discente solicitará à organização estudantil a substituição do mesmo, de acordo com o Art. 3.º, parágrafo 1.º da Portaria 396.

CAPITULO III

Das Reuniões

Art. 5.º — O presidente convocará a Comissão para reunir-se sempre que haja matéria, cuja solução dependa de seu pronunciamento.

Parágrafo único: A reunião deverá realizar-se em dia útil e hora que não prejudique as atividades normais de seus membros.

Art. 6.º — Não poderá a Comissão reunir-se com menos de 3/5 de seus membros.

*diversos
pagos*

CAPÍTULO IV

Dos Bolsistas

Art. 7.º — Todos os alunos da Escola Técnica Nacional poderão solicitar bolsa de estudo ou auxílio financeiro à Comissão, que lhes fornecerá uma ficha impressa, na qual se registrarão os dados necessários à elucidação de suas necessidades financeiras.

Parágrafo 1.º) — Só deverão receber bolsa de estudo ou auxílio financeiro os alunos comprovadamente necessitados e que demonstrem interesse pelos estudos.

Parágrafo 2.º) — Os alunos internos não terão direito à bolsa de estudo. Em caso de necessidade, ser-lhe-á concedido auxílio financeiro.

Art. 8.º — Perderão direito à bolsa de estudo alunos que revelem conduta irregular, no estabelecimento, ou fora dele, ou que tenham feito declarações falsas em sua ficha de inscrição.

Art. 9.º — No ano seguinte não serão renovadas as bolsas de estudo dos alunos que forem reprovados, ou que tenham sido aprovados com média inferior a 60 (sessenta) no conjunto das disciplinas de cultura geral e cultura técnica.

CAPÍTULO V

Das Bolsas e do Auxílio Financeiro

Art. 10.º — A bolsa de estudo e o auxílio financeiro serão concedidos aos alunos, de acordo com critérios adotados em instruções ministeriais e condições estabelecidas neste Regimento, observada, na ordem de prioridade, a precedência dos alunos mais necessitados e, dentre estes, os de maior aproveitamento escolar, devendo a Comissão, sempre que necessário, investigar as condições sociais do estudante, inclusive os recursos de sua família.

Art. 11.º — O valor mensal da bolsa de estudo e o auxílio financeiro serão proporcionais ao número de alunos que forem selecionados na forma do Art. anterior e seu valor não poderá exceder a 8/10 (oito décimos) do salário mínimo vigente no Distrito Federal.

Art. 12.º — O valor mínimo da bolsa será calculado de acordo com os níveis do salário do maior e do menor e será fixo para todos os bolsistas de cada grupo de alunos menores e maiores.

Parágrafo único: A Comissão fixará, em cada ano, o valor mínimo da bolsa de estudos e do auxílio financeiro, de modo que sejam atendidas, na medida do possível, as reais necessidades dos alunos.

Art. 13.º — O auxílio financeiro variará de acordo com as necessidades eventuais dos alunos e será calculado de acordo com os mesmos critérios estabelecidos no artigo anterior.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 14.º — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão.

Parágrafo único: Em caso de dúvida, a Comissão, através do seu presidente consultará a Diretoria do Ensino Industrial.

Art. 15.º — Este Regimento entrará em vigor na data de sua aprovação pela Comissão, que poderá reformá-lo, em qualquer data, para adaptá-lo às instruções ministeriais.

Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1958.

A Comissão

Jeremias Pinheiro da Câmara Filho
Thomaz de Aquino Bastos
Cândida Gondim da Costa Ribeiro
José Fernandes Kock

(Aprovado na sessão de 30 de julho de 1958)

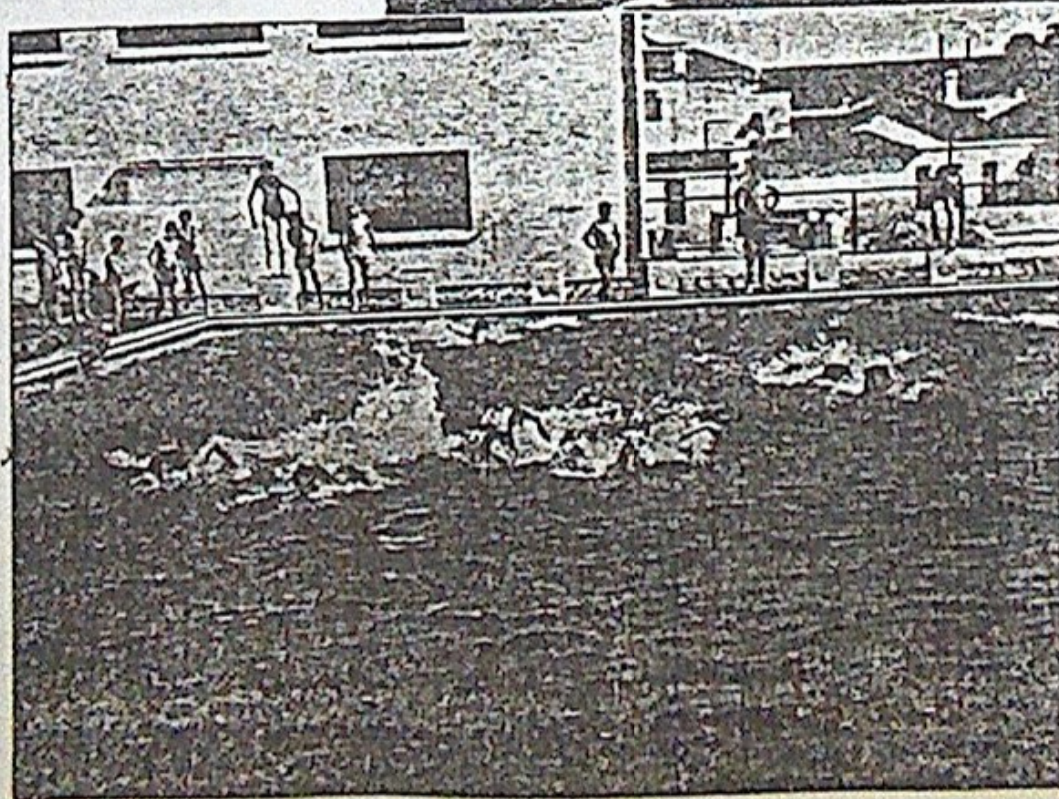
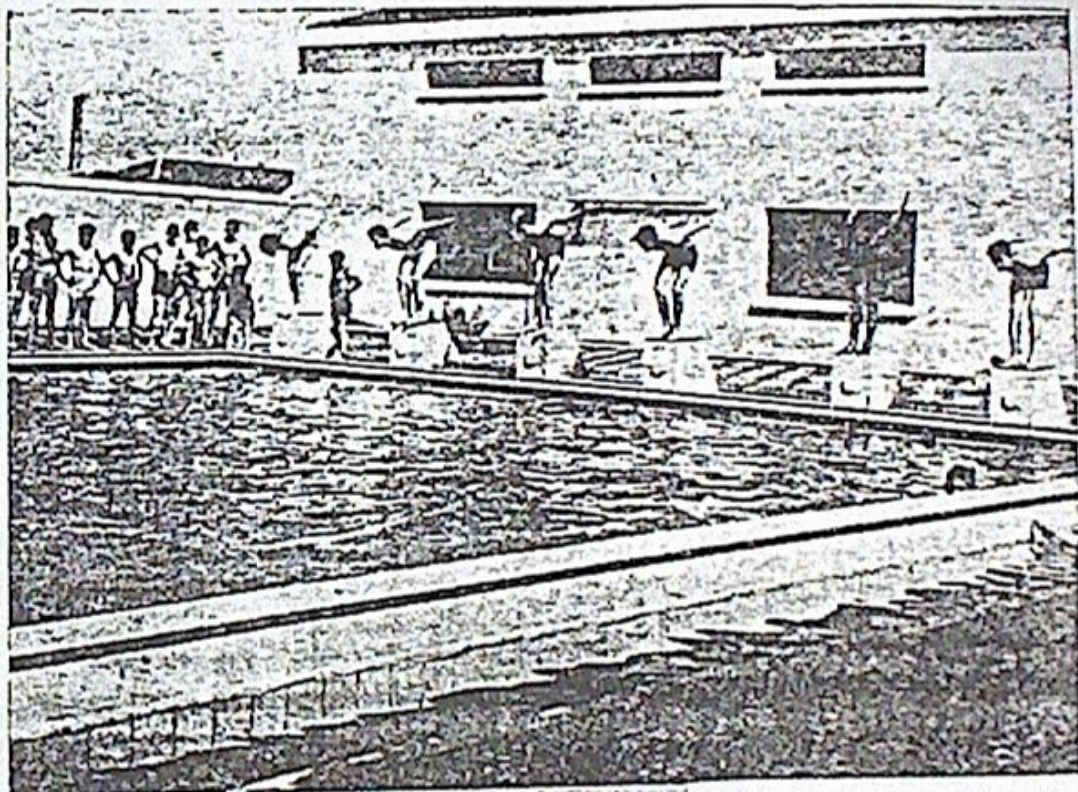
“Sucedem-se os programas e reformas, mas o espírito do ensino ainda é o mesmo. O que infelizmente seduz os Estados ainda é a organização das Academias; os moços saem das Faculdades mantidas pelos governos para continuar na vida prática a disputar e a esperar tudo das graças dos favores do Estado; saem, em geral, das Academias, desarmados para a luta da vida, sem o sentimento da própria responsabilidade e da independência individual, não podendo ser úteis muitas vezes, nem a si, nem à família, nem ao país.

No Rio de Janeiro a criação de escolas profissionais e agrícolas corresponderia hoje a uma alta necessidade pública.”

NILO PEÇANHA

«» Natação na Escola Técnica de Curitiba «»

Nos dias quentes do verão curitibano (em Curitiba também faz calor), durante os momentos de recreio, os alunos banham-se na moderna piscina do pátio interno da Escola, ocasião em que, sob as vistas do professor de educação física, exibem seus conhecimentos de natação e aprimoram o físico. A natação que é dentre os esportes o que mais traz benefício à saúde, é aqui praticado como parte do programa de educa-



ção física. Outras modalidades de esportes também são praticados, como, por exemplo, o basquetebol e o vôleibol.

Os clichês mostram grupos de alunos disputando um campeonato improvisado para o banho do momento. A "assistência" é pequena mas muito compenetrada durante o desenvolver da pugna.

Quem sabe já não exista entre esses "atletas" anônimos, alguns expoentes da natação do futuro.